

Dia da escola

José Luiz Valente*

JORNAL DE BRASÍLIA

Na nossa sociedade, a escola possui uma função central: ela é, ao lado da família, a principal instituição promotora da socialização. Cabe à escola preparar nossas crianças e nossos jovens para exercer a cidadania, fornecendo-lhes instrumentos que possibilitem uma inserção produtiva e criativa no trabalho e no mundo. Muitas vezes, essa missão, tradicionalmente atribuída à instituição escolar, parece uma utopia, face às dificuldades e desafios impostos aos educadores no cotidiano. Professores, diretores e as demais pessoas envolvidas na formação escolar dos estudantes são obrigados a lidar com obstáculos e empecilhos, muitas vezes não diretamente relacionados com os processos pedagógicos. A exclusão socioeconômica e a violência que perpassam a existência contemporânea, muitas vezes se somam às dificuldades e à complexidade particulares ao ensino e à aprendizagem.

Mas o que fazer diante dessa situação? Como equacionar todas essas problemáticas de modo a viabilizar a educação de qualidade para todos? A resposta não é simples na medida em que envolve desde questões de ordem organizacional do sistema de ensino e até questões individuais. Contudo, há uma saída, desde que todos os envolvidos — tanto na dimensão macro da rede de ensino quanto no nível micro do cotidiano da escola —, pautem-se pela ética, transparência, responsabilidade, assim como por uma consciência quanto à responsabilidade social e coletiva inerente à educação. Afinal, é mais do que transmitir conteúdos disciplinares, educar é formar pessoas conscientes e capazes de desenvolver o seu potencial.

Tomando como ponto de partida os princípios e valores mencionados anteriormente, implantamos a Gestão Compartilhada na rede pública de ensino do Distrito Federal. O termo traduz exatamente aquilo que se espera das equipes que, desde início de 2008, estão à frente de cada um dos 616 estabelecimentos públicos de ensino do Distrito Federal: a administração das escolas é encarada como resultado de uma ação coletiva. Assim, todos os envolvidos — do secretário de Educação ao professor que está na sala de aula, passando pelos pais — têm uma responsabilidade e um papel a desempenhar na construção da aprendizagem e de formação dos alunos.

Nesse contexto, a gestão ganha destaque enquanto a chave para se construir uma boa escola — ou seja, uma escola que cumpre a missão que a sociedade atribuiu a ela. Para tanto, a atuação da equipe gestora deve focar a mobilização, a organização e a articulação das condições materiais e humanas para que os processos socioeducacionais se efetivem. Tudo isso, numa perspectiva de descentralização e de respeito da autonomia da escola. Afinal, ninguém melhor do que quem enfrenta o problema para saber qual é a melhor solução.

Dentro da atual lógica, a equipe gestora passa a ter um papel central de orientador na definição dos rumos a serem tomados. Cabe a ela desenvolver mecanismos para ampliar o envolvimento dos pais e da comunidade; cabe a ela apoiar os professores no desenvolvimento das estratégias mais eficazes para que o alunado obtenha ganhos de aprendizagem; cabe ao gestor cuidar para que os recursos sejam bem utilizados; cabe ao gestor, finalmente, assegurar a transparência de todos os processos envolvidos na administração de uma escola. É a transparência que assegura a credibilidade e a consistência do trabalho desenvolvido. Em poucas palavras, a equipe gestora é o pivô dessa complexa e delicada engrenagem; é ela que faz a diferença entre a escola boa e a escola ruim.

Para reforçar e orientar esse processo, a Secretaria de Educação do Distrito Federal está desenvolvendo um sistema de avaliação das escolas, que deverá entrar em vigor no ano letivo de 2009, a fim de mensurar a evolução de cada unidade de ensino no que diz respeito às metas fixadas em nível nacional (por meio do Índice de Desenvolvimento da Educação — Ideb) e em nível local.

Desse modo, o sistema a ser implantado no DF vai levar em conta o indicador nacional, mas também o desempenho da escola em avaliações anteriores e, vale salientar, o contexto socioeconômico em que ela está inserida. A intenção é criar um indicador que compare a escola com ela mesma e premie todos os profissionais que trabalham nas escolas que atingirem as metas.

Com a Gestão Compartilhada a boa escola se torna uma construção coletiva e diária. Ou seja, a boa escola não é um sonho distante, mas ganha materialidade nas práticas pautadas pela transparência, responsabilização e democracia, na capacidade de articular forças e esforços, promovendo, de maneira competente, interações entre a sala de aula e o mundo. É dessa maneira que o sentido da escola se renova na sociedade contemporânea e que ela cumpre seu papel: a aprendizagem efetiva e significativa dos alunos. Uma aprendizagem que possibilite às crianças e aos jovens a plena inserção na sociedade globalizada e da informação.